



Emilie de Villeneuve: madre superiora e intelectual católica

*Emilie de Villeneu: mother superior and intellectual
catholic*

GIUSLANE FRANCISCA DA SILVA ^a

Resumo: Muitas mulheres intelectuais religiosas ou laicas se destacaram e (se destacam), ao longo da História. Do primeiro grupo, que nos interessa aqui, é possível citar Faltonia Betitia Proba (séc. IV), poetisa, a Egéria (sec. IV/V), Aelia Eudoxia Augusta (séc. IV/V), ou ainda Edith Stein, uma judia que morreu no campo de concentração de Auschwitz, Polônia, em 1942. Canonizada como Santa Teresa Benedita da Cruz, foi uma filósofa e teóloga alemã, e segunda mulher a defender uma tese de doutoramento na Alemanha. Dentre muitas outras que deixaram contribuições notáveis para várias áreas do conhecimento. Para tanto, o objetivo desse trabalho é explorar e analisar a trajetória e alguns escritos de Santa Emilie de Villeneuve, fundadora da Congregação das Irmãs Azuis. Nascida em uma família da nobreza francesa ainda no início do século XIX, Madre Marie, como ficou conhecida, deixou um conjunto de cartas. Algumas delas foram endereçadas à sua família, outras à missionárias em África. É dela também, o Regulamento e as Constituições da Congregação, fundada por ela. Esses últimos (Regulamento e as Constituições) demonstram o domínio de Madre Emilie sobre as questões internas da Igreja e, conseqüentemente, do campo teológico.

Palavras-chave: Intelectual. Mulher. Religiosa.

EMILIE DE VILLENEUVE: MOTHER SUPERIOR AND INTELLECTUAL CATHOLIC

Abstract: Many religious or secular intellectual women have stood out throughout history. From the first group, which interests us here, it is possible to quote Faltonia Betitia Proba (4th century), poet, Egéria (4th / 5th century), Aelia Eudoxia Augusta (4th / 5th century), or Edith Stein, a Jew who died in the concentration camp at Auschwitz, in Poland, in 1942. Canonized as Saint Teresa Benedita da Cruz, she was a German philosopher and theologian, and the second woman to defend a doctoral thesis in Germany. Among many others that have made notable contributions to

^a Mestre em História pela UFMT, professora da Rede Estadual de Mato Grosso, doutoranda em Educação Proped/UERJ. E-mail: giuslanesilva@hotmail.com
Rev. Caminhos da Educação: diálogos, culturas e diversidades, Teresina, v. 2, n. 3, p. 38-47, set./dez. 2020

various areas of knowledge. Therefore, the objective of this work is to explore and analyze the trajectory and some writings of Santa Emilie de Villeneuve, founder of the Congregation of the Blue Sisters. Born in a family of the French nobility in the early 19th century, Mother Marie, as she became known, left a set of letters. Some of them were addressed your family, others to missionaries in Africa. It is also hers, the Regulations and the Constitutions of the Congregation, founded by her. The latter (Regulations and the Constitutions) demonstrate Mother Emilie's dominance over the Church's internal issues and, consequently, of the theological field

Key-words: Intellectual. Woman. Religious.

EMILIE DE VILLENEUVE: MADRE SUPERIOR E INTELECTUAL CATÓLICA

Resumen: Muchas mujeres intelectuales religiosas o seculares se han destacado y (se destacan) a lo largo de la historia. Del primer grupo, que nos interesa aquí, es posible citar Faltonia Betitia Proba (siglo IV), poeta, Egéria (siglo IV / IV), Aelia Eudoxia Augusta (siglo IV / IV), e Edith Stein, una Mujer judía que murió en el campo de concentración en el Auschwitz, Polonia, en 1942. Canonizada como Santa Teresa Benedita da Cruz, fue una filósofa y teóloga alemana, y la segunda mujer en defender una tesis doctoral en Alemania. Entre muchas otras que han hecho contribuciones notables a diversas áreas del conocimiento. Por lo tanto, el objetivo de este trabajo es explorar y analizar la trayectoria y algunos escritos de Santa Emilie de Villeneuve, fundadora de la Congregación de las Hermanas Azules. Nacida en una familia de la nobleza francesa a principios del siglo XIX, la Madre Marie, como se la conocía, dejó un conjunto cartas. Algunos de ellos fueron dirigidos a su familia, otros a misioneros en África. El Reglamento y las Constituciones de la Congregación, que ella fundó, también son suyos. Las últimas (Regulaciones y Constituciones) demuestran el dominio de la Madre Emilia sobre los problemas internos de la Iglesia y, en consecuencia, el campo teológico.

Palabras clave: Intelectual. Mujer. Religiosas.

Introdução

Em que se constitui um/uma intelectual? Quais características e/ou atributos deve possuir? A imagem estereotipada que se consagrou de um intelectual, é no geral

representada pela figura masculina, com ar sério e pensativo, usando óculos, recolhido em seu canto com seus livros e pensamentos. Figura bem caricata. As mulheres, por exemplo, enfrentaram (e ainda enfrentam) dificuldades para serem vistas e/ou aceitas como “seres” pensantes, ou seja, para setores mais conservadores da sociedade, ainda enfrentam resistência para serem aceitas como capazes de discutirem questões sociais, econômicas, políticas e etc. Afinal essas tais questões “não são para mulheres”, conforme pregam os valores culturais e morais impostos, o que estudos recentes tem contradito. Discutir sobre a trajetória intelectual de Jeanne Emilie de Villeneuve, é o objetivo desse texto. Para tanto, analiso também a trajetória de vida dessa mulher, nascida na nobreza francesa (em processo de decadência), no início do oitocentos.

A categoria de “intelectual” aqui empregada, se refere aos “produtores de bens simbólicos, mediadores culturais e atores do político, relativamente engajados na vida da cidade e/ou nos locais de produção e divulgação de conhecimento e promoção de debates” (SIRINELLI; CONTIJO *apud* SCHUELER, 2008, p. 02). É necessário apontar os significados do termo, a partir de uma perspectiva ampla e sociocultural, na qual, engloba “os criadores e os mediadores culturais, jornalistas, escritores, professores secundários, eruditos, estudantes e demais mediadores potenciais” (SCHUELER, 2008, p. 02). Todavia, há ainda uma outra perspectiva, mais estreita, como defende Schueler, em que a categoria esboça a figura do intelectual partindo de seu engajamento na vida da cidade, como “ator (assinante de petições, artigos, manifestos, conferências, etc)”, ou seja, o intelectual também pode ser testemunha, produtor ou difusor de opinião pública (SCHUELER, 2008, p. 02). Dessa forma, intelectuais não se resumem ao grupo de “homens notáveis” ou “grandes intelectuais”, mas se refere também, aqueles de menor notoriedade, mas que lograram de importância enquanto viveram, ou ainda os “‘despertadores’ que, sem serem obrigatoriamente conhecidos ou sem terem adquirido uma reputação relacionada com seu papel real, representaram um fermento para as gerações intelectuais seguintes, exercendo uma influência cultural e mesmo às vezes política” (SIRINELLI *apud* SCHUELER, 2008, p. 03). Nesse sentido, a personagem dessa trama, Madre Emilie de Villeneuve, se apresenta a nós como uma intelectual. Intelectual católica, que deixou escritos que nos permitem entender um pouco da conjuntura política, social e religiosa da França entre as décadas de 1830 e 1850. Alguns documentos são fontes valiosas para entender o processo da fundação e funcionamento da Congregação das Irmãs de Nossa Senhora da Imaculada Conceição, fundada por Emilie, em seus primeiros anos. A vida da nossa “personagem” foi e ainda é objeto de registros, especialmente por membros da Congregação que fundou, no projeto de construção da memória da comunidade e “daquela que se entregou inteiramente aos planos de Deus”.

Ainda que sejam menos conhecidas do que os homens (ao menos para uma parcela expressiva), registros de mulheres intelectuais datam desde a Grécia Antiga. Pensadoras como Edith Stein (1891-1942), Hannah Arendt (1906-1975) e Simone de Beauvoir (1908-1986), são consideradas “grandes pensadoras” do século XX. Ou ainda Virginia Woolf (1882-1941), escritora inglesa e uma das precursoras do feminismo, entre outras (ARAÚJO, 2019). No entanto, tais mulheres foram influenciadas por pensadoras que as antecederam, embora muitas não sejam tão conhecidas. A falta de acesso das mulheres à educação formal, é apontada por Araújo (2019), como um dos fatores que explicam os registros relativamente curtos de mulheres, se comparado aos homens.

Na Idade Média, muitas foram as mulheres que se destacaram por seus feitos. Uma das figuras mais conhecidas do período é Joana d'Arc (1412-1431), de nacionalidade francesa, foi canonizada pela Igreja Católica por seus feitos durante a Guerra dos Cem

Anos. Joana se tornou uma espécie de “figura lendária”, lembrada por sua “bravura” e também por queimar nas chamas do Tribunal do Santo Ofício, instituído pela mesma Igreja que posteriormente a canonizou. Do mesmo período, mulheres que se destacaram por seus escritos (dos mais diversos gêneros) são menos conhecidas pelo “público leigo”. Uma das mulheres mais notáveis do período, foi Heloísa de Argenteuil (1101- 1164), foi uma escritora, erudita e abadessa francesa, mais conhecida por manter um amor e correspondências com o filósofo Pedro Abelardo. Mais tarde, se tornou freira ao ver a impossibilidade de viver o intenso amor por Abelardo, também membro do clero. Suas correspondências foram objeto de trabalhos acadêmicos, além de um filme produzido sobre os dois (Heloísa e Abelardo). Costa e Costa, publicaram o livro *Mulheres intelectuais na idade média: entre a medicina, a história, a poesia, a dramaturgia, a filosofia, a teologia e a mística* (2019), obra na qual apresentam diversas mulheres intelectuais da Idade Média. Algumas delas são mulheres intelectuais católicas. Do grupo é possível citarmos Faltonia Betitia Proba (séc. IV), poetisa, a Egéria (sec. IV/V), Aelia Eudoxia Augusta (séc. IV/V), ou ainda Edith Stein, uma judia que morreu no campo de concentração de Auschwitz, Polônia, em 1942. Canonizada como Santa Teresa Benedita da Cruz, foi uma filósofa e teóloga alemã, foi também a segunda mulher a defender uma tese de doutoramento na Alemanha. E é no sentido que proponho a discussão sobre Madre Emilie de Villeneuve. Mais tarde, mulheres como Elizabeth da Boêmia (1596-1662), que foi uma importante interlocutora de René Descartes (1596-1650), ou ainda, Sophie Charlotte (1678-1749), Anne Conway (1631-1679) e Émilie du Châtelet (1706-1749), (ARAÚJO, 2019), se notabilizaram por seus escritos, por se corresponderem com cientistas renomeados, ou ainda, por circularem nos mesmos espaços que “grandes homens” da época. Algo em comum as ligam: são todas pertencentes à nobreza europeia.

Notas sobre a trajetória de Madre Emilie

É importante “seguir” os passos de Emilie, de sua infância até a idade adulta, para entender o que a levou a abdicar de uma vida comum à outras jovens de sua época, isto é, casar-se e se dedicar a vida de esposa, dona de casa e mãe. O objetivo é entender um pouco sobre a trajetória de vida da jovem, apontando indícios para sua decisão de se dedicar à carreira religiosa. Contudo, é importante ressaltar que optei por um dos muitos caminhos possíveis e que aqui, construí uma das versões sobre a vida de Emilie, pois assim como nos adverte Vavy Borges, é “impossível se esgotar o absoluto do “eu”, seja na compreensão da própria vida, seja na daqueles que pesquisamos” (BORGES, 2008, p. 217).

Jeanne Emilie de Villeneuve nasceu na manhã do dia 9 de março de 1811, em uma casa localizada na rua Vieux Raisin na cidade de Toulouse, no sul da França. Era filha do conde Louis de Villeneuve e de Rosalie d’Avessens. Nascida em uma família católica, foi batizada no dia 11 do mesmo mês, dois dias após seu nascimento. Jeanne era a terceira dos quatro filhos do casal (AYRES, PERNOT, BABI, 2018). Em decorrência dos problemas de saúde da matriarca, a família se mudou para o campo, e se instalou no

castelo da família, em Hauterive. As duas filhas mais velhas Léontine e Octavie, assumiram a direção da casa com o objetivo de cuidarem dos dois irmãos mais jovens: Emilie e Ludovic. Anos depois ao se retirar da vida pública, o conde e sua família se mudaram para Castres, ao sul da França. Onde mais tarde, Conde Louis atuou como prefeito.

Seis anos depois, em 1825, Emilie recebeu um duro golpe, sua mãe veio a falecer em decorrência de complicações da gota¹ e a partir daí as três irmãs passaram a assumir as responsabilidades da casa e do irmão mais novo, Ludovic. Residiam ora em Hauterive, ora em Toulouse, em casa de sua avó paterna, que era deficiente visual. O irmão mais novo foi enviado para um colégio interno e no período de férias passava a maior parte do tempo na casa da avó. Tanto Emilie quanto suas irmãs eram bem inteiradas dos acontecimentos políticos, haja vista que em várias correspondências há menção às questões políticas locais e/ou nacionais. Esse interesse das jovens pela política, possivelmente está ligado ao fato do Conde Louis estar envolvido na vida pública o que deve ter levado as jovens a se interessarem pelo universo pelo qual o pai transitava. As jovens são descritas ainda como católicas fervorosas e praticantes da fé, apaixonadas pela monarquia e leitoras vorazes de obras literárias. Além da morte da mãe em 1825, Emilie passará por outros episódios dramáticos que irão marcar sua vida. Em 1828, sua irmã Octavie faleceu e ano seguinte, Léontine, sua irmã da qual era mais próxima se casou com o Conde Adolphe de Castelbajac e foi residir em Toulouse.

As memórias da Congregação procuram destacar que até seus 23 anos, o projeto de vida religiosa não era uma opção na vida de nossa personagem. Obviamente que há um claro interesse quanto a isso, que consiste em dar à escolha pela vida religiosa de Emilie um caráter puramente religioso, isto é, de que a mesma fora “escolhida” por Deus para seguir esse caminho. Pouco tempo depois Emilie manifestou interesse em ingressar na Congregação das Vicentinas e expatriar-se, o objetivo era se dedicar aos cuidados com os mais pobres e desvalidos, porém, em outro país. Recorreu então ao padre Leblanc, jesuíta que a dirigia em Toulouse e lhe contou sobre seu desejo, que foi recusado em um primeiro momento. Contudo, com o passar dos dias a benção foi concedida. Era preciso obter a autorização e a benção de sua família, especialmente de seu pai, Conde Louis. Foi montada uma espécie de força tarefa por parte de suas amigas, em especial Coraly, sua irmã Léontine e seu pai para tentar dissuadir Emilie de seu projeto, a mesma não cedeu. Todavia, a pedido de seu pai, foi acordado que partiria somente depois de quatro anos. O conde esperava que durante esse tempo a jovem desistisse de seu intento (AYRES, PERNOT, BABI, 2018).

Passados alguns meses, Coraly recebeu uma extensa carta do Senhor de Barre, um senhor com idade de 60 anos. Normalmente passava o inverno em Castres, empregando seu tempo na oração na Igreja de Notre-Dame de la Platé. A carta vinha abrir novos horizontes, ou pelo menos, sugerir novos caminhos. Nela, o autor propunha à Coraly, amiga mais próxima de Emilie, que juntas fundassem uma instituição na cidade de Castres para atender crianças pobres. A jovem enviou uma carta à sua amiga comunicando-a sobre o convite, que assustada teria recusado, haja vista que seu objetivo era admitir-se na Congregação das Irmãs Vicentinas e se mudar para um lugar mais longínquo. Transcorridos alguns meses de oração, Padre Leblanc afirmou ter obtido a

¹ A gota ou artrite gotosa, chamada popularmente de reumatismo nos pés, é uma doença inflamatória causada pelo excesso de ácido úrico no sangue que causa muita dor nas articulações. Os sintomas incluem o inchaço, a vermelhidão e a dor ao movimentar uma articulação. Disponível em: <https://www.tuasaude.com/gota/> Acesso em: 22 de agosto de 2018.

confirmação da parte de Deus e era preciso então, começar imediatamente. Emilie pareceu convencer-se de que essa era a “vontade” de Deus para sua vida, e aceitou a proposta. O próximo passo foi contar a seu pai seus novos projetos, esse por sua vez se mostrou um pouco atemorizado ao pensar nas dificuldades que surgiriam, como a questão financeira, visto que caberiam a eles sustentar o trabalho (ARIES, PERNOT, BABI, 2018). O nome e a fortuna de Emilie são fatores que foram considerados relevantes para que o arcebispo Monsenhor François-Marie-Edouard, de Saint Rome Gualy concedesse a aprovação do projeto (AYRES, PERNOT, BABI, 2018). Tal obra retiraria uma responsabilidade da diocese, na medida em que caberia a essa congregação cuidar das crianças que ora estavam sob cuidados da mesma. Os serviços prestados também retirava alguns encargos da Igreja, como o atendimento às crianças pobres e/ou órfãs, como é acentuado nos registros da Congregação das Irmãs Azuis.

Em 1836 Emilie iniciou o processo de fundação da Congregação, porém, faltava praticamente tudo, era necessário encontrar companheiras de trabalho e de vida religiosa, estabelecer os regimentos, formular o espírito da nova associação, determinar o hábito e etc. Era preciso ainda arranjar uma casa para receber as integrantes da Congregação e abrigar as crianças. Embora fosse herdeira de uma fortuna considerável, naquele momento ao que tudo indica Emilie não tinha direito de usufruir desses bens. Recebia mensalmente uma mesada de seu pai, que no geral segundo as fontes, gastava boa parte em obras de caridade.

Depois de algumas tentativas frustradas de conseguir ajuda de parte do clero local, Emilie obteve de seu pai, conde Louis os fundos financeiros para comprar na estreita Rua Tolosane, em Castres, da família Pins, uma casa modesta, haja vista que o conde se recusou em deixar sua filha residir em um local muito desconfortável. Tal casa abrigaria a comunidade até 1841.

Algumas moças manifestaram interesse, mas quando chegou o momento da decisão, apenas duas seguiram a fundadora: Elisabeth Boudet e Honorine Rigaud. Em novembro de 1836, as três jovens partiram para Toulouse a fim de ingressarem em um breve noviciado. A jovem que ainda residia no castelo da família em Hauterive, despediu-se de seu pai e amigos, local para onde nunca mais retornou (CRUZ, 1981).



Figura 1: Madre Jeanne Emilie de Villeneuve. Pintor Charles Valette, s/d. Congregação das Irmãs Azuis. Fonte: <https://www.irmasazuissp.net/> Acesso em: 25 de agosto de 2018.

Após o breve noviciado no mosteiro da Visitação de Toulouse, as novas religiosas receberam o hábito no dia 8 de dezembro de 1836 e, em seguida retornaram para Castres. Era, portanto, o início da Congregação das Irmãs de Nossa Senhora da Imaculada Conceição de Castres (LAMEGO, s/d). A finalidade da Congregação de acordo com sua Constituição de 1840, constitui em “procurar o bem espiritual e mesmo corporal dos pobres, em qualquer lugar em que as Irmãs estejam estabelecidas” (Regras e Constituições, Art. 4, 1840). Emilie tornou-se Madre superiora, isto é, a autoridade máxima na Congregação. Cabia a ela, portanto, a tomada de decisões, decisões essas que precisavam passar pelo crivo do padre e do bispo responsáveis. Por outro lado, às demais sendo servas de Cristo, caberiam respeitar e acatar as decisões e ordenações da Madre. Se tratando de instituições hierarquizadas, nas congregações o poder da Madre não se limita a fazer com aquelas inferiores, hierarquicamente falando, sigam a vontade de Deus, “ele se estende ao controle total do que acontece no interior do convento e no interior de cada uma das irmãs” (GROSSI, 1990, p. 57). O poder atribuído a Madre se manifestaria sempre quando fosse necessário defender os interesses da Congregação, era também (e ainda é) o modelo de vida para as demais irmãs, respeitada e incontestável dentro da Congregação. Seu comportamento se tornou um modelo que deve ser seguido pelas integrantes da comunidade. Em um primeiro momento, foi decidido que Madre Emilie permaneceria seis anos como Superiora, contudo, se manteve à frente da Congregação até 1853.

Quanto aos trabalhos da comunidade, uma das primeiras atividades do pequeno grupo de irmãs foi uma oficina de costura, da qual provinha grande parte dos rendimentos para a manutenção da casa e das irmãs. Pouco tempo depois, a Congregação começou a receber meninas, sob duas condições, crianças pobres, em sua maioria, órfãs ou aquelas meninas que adentravam para seguir carreira religiosa. Receber e abrigar meninas órfãs

era também uma estratégia para atrair futuras integrantes para a comunidade, que nesse período contava com um número resumido de irmãs, cinco para ser mais exata, entre postulantes e professoras.

A Congregação passou por um processo de crescimento relativamente rápido, tanto que em apenas dois anos depois de sua fundação, um novo espaço necessitou ser encontrado para abrigá-la. Em maio de 1838 a comunidade se mudou da Rua Tolosane para um local um pouco mais espaçoso, na casa das Damas da Apresentação que também era denominada de seminário menor. Em 1841 após ter recebido o pedido para desocupar o prédio, Madre Emilie inicia a empreitada na tentativa de comprar um terreno para construção de uma nova casa. Depois de muitas procuras, a Madre adquiriu um terreno de um senhor, mencionado apenas como Galibert. Em seguida, foi iniciado o processo de elaboração da planta e posteriormente a construção da casa. O capelão, o Pe. Le Camus encarregou-se da construção. Decorridos cerca de três anos desde o início da construção do prédio da comunidade, em abril de 1844, foi realizada a mudança para o prédio próprio, a Casa Mãe da Congregação.

Doze anos após a fundação da Congregação, um grupo de irmãs foi enviado às missões na África, era sinal de que o projeto de Madre Emilie havia fincado raízes na Europa e precisava expandir-se para outros lugares do mundo. Após ter consolidado a Congregação na França e ter iniciado atividades missionárias na Europa e África, Madre Emilie de Villeneuve morreu em 1854, aos 43 anos, na cidade de Castres, em decorrência da epidemia de cólera.

Os escritos de Madre Emilie de Villeneuve

O *Manuscrito Preparatório e Primeiro Regulamento Constituições de 1840*, foi traduzido para o português pelas Irmãs Maria Luiza Ayres, Françoise Pernot, Lurdes Anita Babi, que nos últimos anos vem trabalhando em um projeto da Congregação, que visa reunir, traduzir e publicar documentos referentes a comunidade. Publicado recentemente pela congregação, o livreto *Notas Pessoais e Orações*, traduzido e publicado em 2017, reúne um conjunto de orações, cartas, lembranças, prestações de contas, relatos de viagens, orientações acerca das posturas das Irmãs e etc. Os registros originais datam de 1854- 1852.

Além desses, outros escritos relevantes, são as cartas. Uma quantidade de cartas de Madre Emilie, já foram traduzidas e publicadas em livros de memórias. Os destinatários e assuntos são os mais diversos: à sua família, especialmente sua irmã mais velha, Léontine, com quem mantinha um constante contato por meio de cartas; ou para as Irmãs missionárias na África, ou para o padre superior.

O *Manuscrito Preparatório*, foi escrito pela jovem Emilie, mais tarde, Madre Emilie ou Madre Marie, entre os anos 1835 e 1836, portanto, seu início antecede a fundação da Congregação, que ocorreu oficialmente em dezembro de 1836. Isso demonstra que a jovem já vinha planejando fundá-la. Esse manuscrito foi aperfeiçoado posteriormente e deu origem ao *Regulamento e Constituições* da Congregação das Irmãs

Azuis. Nele, Emilie “rascunhou” sobre os principais objetivos de sua futura comunidade, como por exemplo, sobre sua finalidade: “Fim e objetivo de nossa Ordem, a 1ª, a obra de misericórdia que consistirá em distribuir o pão todos os dias, a partir da lista de endereços feita, com a ajuda dos vigários, para saber quais são os pobres” (VILLENEUVE, 2017). Além desses objetivos, outras atividades que deverão ser executadas pelas futuras Irmãs Azuis, são listadas, como a distribuição de remédios, alimentação aos pobres e atendimento médico aos pobres, abertura de uma oficina de costura, educação de meninas pobres e/ou órfãs, todavia, em suas casas, alimentação e cuidados com as roupas dos presidiários. Há também, uma detalhada descrição das atividades a serem executadas durante o dia, incluindo horários e respectivas atividades.

O *Primeiro Regulamento* da Congregação ou *Regulamento Provisório* foi concluído e aprovado pelo Monsenhor de Gualy, arcebispo de Albi no dia 16 de dezembro de 1836, oito dias depois da fundação. O referido documento passou a gerir todas as atividades das comunidade e as vidas das Irmãs até 1841, ano em que as primeiras *Constituições* entraram em vigor. Nos anos seguintes, o documento passou por revisões e acréscimos. O *Regulamento* é relativamente extenso, composto por 26 capítulos. Em relação aos assuntos, é bem abrangente, especifica sobre os objetivos da Congregação, admissão das devotas, organização interna, atividades a serem executadas, dos votos, posturas das postulantes, professoras interna e externamente, sobre o papel da Superiora, dentre outros assuntos. O Regulamento e Constituições de uma Congregação é o documento no qual os princípios, valores, votos, objetivos, regras, normas, enfim, tudo aquilo que se refere ao funcionamento, ou seja, o que rege a instituição. O documento que passou a embasar todas as atividades das Irmãs Azuis, foi escrito por Madre Emilie e uma primeira versão foi publicada em 1840, quatro anos após a fundação da Comunidade.

As primeiras *Constituições* da Congregação das Irmãs Azuis datam de 1840. No geral, se referem a um conjunto de regras, normas e preceitos que passaram a reger a comunidade. O documento é dividido em quatro partes e possui 43 capítulos. O documento inicia traçando um panorama sobre o andamento da comunidade até o presente momento haja vista que havia se passado quatro anos desde sua fundação. O documento sobre a organização do Instituto e da admissão das pessoas, da admissão dos cargos e administração do instituto e fundações, das atribuições da superiora, dos votos, das relações entre as irmãs no interior do instituto e com o mundo exterior, se refere ainda sobre o andamento do noviciado e etc. Os documentos em que discorri de forma rápida, nos permitem entender várias questões da conjuntura política, social e religiosa da época. Escritos por Emilie nos permite perceber também a evolução da escrita e domínio de assuntos relativos à questões internas da Igreja Católica, sobre o funcionamento de uma Congregação e conhecimento teológico. Embora sejam fontes ricas, são ainda muito pouco exploradas por estudos.

Considerações finais

Um intelectual, como discutido nas linhas iniciais desse texto, é por vezes visto no senso comum, como uma figura masculina, com uma elevada carga de conhecimentos “científicos”, “literários” “filosóficos”, entre outros. Contudo, estudos mais recentes tem alargado o campo de estudo. Mulheres vem ganhando mais espaços nos estudos desenvolvidos sobre a temática e nos permitem conhecer personagens até então desconhecidas (pelo menos para o grande público). E é nesse sentido, que busquei estruturar o texto. Ao discorrer de maneira rápida pela trajetória de vida da jovem Emilie de Villeneuve, foi possível perceber que sua tomada de decisão ao servir a vida religiosa

ocorreu na fase adulta, isso de acordo com as fontes. A jovem foi escolhida para fundar a instituição, pois integrava a enfraquecida nobreza francesa, mas que possuía certo reconhecimento por parte da sociedade o que facilitaria no processo de fundação e consolidação, o que de fato ocorreu. Os recursos financeiros que uma nobre da época possuía, em nada eram insignificantes, haja vista que parte desses recursos, no geral eram empregados nas instituições fundadas por ela.

Emilie, posteriormente, Madre Emilie deixou alguns escritos até então muito pouco explorados academicamente. Três dos volumes levantados até então se referem a regulamentos, constituições e regras. As cartas escritas pela Madre e enviadas para diferentes destinatários, também são fontes muito relevantes. Há também um volume de escritos que abordam diferentes assuntos, bem como um livro com as orações e preces. São documentos que nos permitem conhecer várias facetas da vida de Emilie, como sua relação com a família, com o clero, suas relações internas com as irmãs e etc. São documentos riquíssimos e que merecem ser explorados.

Referencial

ARAÚJO, Carolina. Quatorze anos de desigualdade: mulheres na carreira acadêmica de filosofia no Brasil entre 2004 e 2017. **Cadernos de Filosofia Alemã**. v. 24, n. 1, p. 13-23. jan.-jun. 2019.

AYRES, Maria Luiza; PERNOT, Françoise; BABI, Lurdes Anita; LEPAROUX, Marie Bénédicte. **Correspondência de Irmã Marie de Villeneuve a sua família**. Trabalho realizado para « O MANANCIAL. Edição renovada em março de 2018

BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia *In Fontes Históricas*. Pinsky, Carla Bassanezi. (organizadora). — 2.ed., 1ª reimpressão.— São Paulo : Contexto, 2008, p. 203-233.

COSTA, Marcos Roberto Nunes; COSTA, Rafael Ferreira. Mulheres intelectuais na idade média: entre a medicina, a história, a poesia, a dramaturgia, a filosofia, a teologia e a mística [recurso eletrônico] / Marcos Roberto Nunes Costa; Rafael Ferreira Costa -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2019.

CRUZ, Afonso de Santa. **As Marias de Azul: Emilie de Villeneuve**. Ed. Rosário, Curitiba-Paraná, 1981.

GROSSI, Miriam Pillar. “Jeito de freira”: um estudo antropológico sobre a vocação religiosa feminina. **Cadernos de Pesquisa**. Fundação Carlos Chagas, nº 73, Maio de 1990. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/1096> Acesso em 02 de set. de 2018.

Rev. Caminhos da Educação: diálogos, culturas e diversidades, Teresina, v. 2, n. 3, p. 38-47, set./dez. 2020

LAMEGO, Maria. **Educar**: algumas orientações segundo Emilie de Villeneuve, s/d. Relatório de Coraly, Biografia de Emilie de Villeneuve, Castelo de Gaüx, 21 de novembro de 1836.

SCHUELER, Alessandra Frota Martinez de. Práticas de escrita e sociabilidades intelectuais: professores-autores na Corte imperial. *In V Congresso Brasileiro de História da Educação*, 2008. Anais do V Congresso Brasileiro de História da Educação. O Ensino e a Pesquisa em História da Educação.. Aracaju: Sercore Artes Graficas, 2008.

VILLENEUVE, Marie. **Manuscrito Preparatório Primeiro Regulamento e Constituições de 1840**: de Irmã Marie, fundadora das Irmãs de Nossa da Senhora da Imaculada Conceição de Castres, 1840. Documento traduzido por: AYRES, Maria Luiza; PERNOT, Françoise; BABI, Lurdes Anita., 2017.

VILLENEUVE, Emilie. **Notas pessoais e orações**. AYRES, Maria Luiza; PERNOT, Françoise; LEPAROUX, Marie Bénédicte. Roma; 2017.

VILLENEUVE, Emilie. **Diretório de 1852 e Constituições de 1852**. Tradução: AYRES, Maria Luiza; PERNOT, Françoise; BABI, Lurdes Anita. Roma; 2018.

RECEBIDO: 01/06/2020
APROVADO: 03/08/ 2020

RECEIVED: 01/06/2020
APPROVED: 03/08/ 2020

RECIBIDO: 01/06/ 2020
APROBADO: 03/08/ 2020